

## DIFERENÇAS NAS PRODUÇÕES REGIONAIS DO BRASIL: UM ESTUDO PARA O PERÍODO 2001 A 2014

Francisco Caldas Mafra<sup>1</sup>; Maria Fernanda Gatto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Economia - CCSA – UFPE; E-mail: franciscocmafra@gmail.com;

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de Economia – CCSA – UFPE. E-mail: mariagatto@gmail.com .

**Sumário:** Na literatura econômica há variadas tentativas de interpretar os fenômenos ligados ao crescimento e ao desenvolvimento, como é, aliás, bastante conhecido. Desde há muito esforçam-se os teóricos da ciência econômica em desvendar os fatores relacionados ao crescimento e ao desenvolvimento, associando-os de formas diversas ao processo de acumulação de capital, disponibilidade de mão-de-obra e de recursos naturais. Em meio a isso buscou-se também chamar a atenção para o papel do progresso tecnológico e da qualificação da mão-de-obra que atuam de modo a tornar o processo produtivo mais eficiente. De acordo com a ação desses fatores, grosso modo, os espaços econômicos se movem, crescem com ritmo maior ou menor, sendo a demanda externa considerada, adicionalmente, um elemento importante para condicionar esses diferentes ritmos de crescimento. Tendo em conta tais concepções avança-se ao longo das últimas décadas no sentido de buscar interpretações sobre diferentes possibilidades de desenvolvimento econômico diante de diferentes padrões de especialização produtiva, que, em última instância, podem favorecer ou limitar o crescimento econômico por prazos mais longos.

**Palavras-chave:** diferenças nas produções regionais; indústria de transformação; especialização produtiva.

### INTRODUÇÃO

Na literatura econômica há variadas tentativas de interpretar os fenômenos ligados ao crescimento e ao desenvolvimento, como é, aliás, bastante conhecido. Desde há muito esforçam-se os teóricos da ciência econômica em desvendar os fatores relacionados ao crescimento e ao desenvolvimento, associando-os de formas diversas ao processo de acumulação de capital, disponibilidade de mão-de-obra e de recursos naturais. Em meio a isso buscou-se também chamar a atenção para o papel do progresso tecnológico e da qualificação da mão-de-obra que atuam de modo a tornar o processo produtivo mais eficiente. De acordo com a ação desses fatores, grosso modo, os espaços econômicos se movem, crescem com ritmo maior ou menor, sendo a demanda externa considerada, adicionalmente, um elemento importante para condicionar esses diferentes ritmos de crescimento.

Tendo em conta tais concepções avança-se ao longo das últimas décadas no sentido de buscar interpretações sobre diferentes possibilidades de desenvolvimento econômico diante de diferentes padrões de especialização produtiva, que, em última instância, podem favorecer ou limitar o crescimento econômico por prazos mais longos. Embora não haja consenso sobre isso, há na literatura econômica uma linha de interpretação, de cunho kaldoriano e cepalino, que entende que padrões de especialização produtiva, que por sua vez se refletem nas exportações, em produtos mais básicos, ou menos sofisticados tecnologicamente tendem a limitar as chances de crescimento tanto nas fases expansivas quanto de crise na economia mundial. A partir daí o enfoque pode ser visualizado de duas maneiras, o que advoga a substituição de importações, para fugir da tendência ao

estrangulamento externo, e um outro que, segundo Kaldor, defende a industrialização com olhar para o mercado externo, com vistas a se beneficiar dos ganhos crescentes de escala, o que contribuiria para a melhoria da produtividade em toda a economia. Tem-se aí uma visão onde a industrialização seria o elemento dinâmico do crescimento e onde a sua expansão seria mais facilmente obtível através das exportações que trariam ganhos de escala e repasse desses ganhos aos demais setores da economia, com o reforço do consumo e do investimento, gerando assim um círculo virtuoso. Tendo em vista o exposto, pretende-se analisar as produções das grandes regiões do Brasil, de forma a identificar os setores que lideraram e perderam posição bem como o perfil de concentração da indústria de transformação no território nacional.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Num primeiro momento, será realizada uma revisão bibliográfica buscando sintetizar a literatura econômica afeita ao tema do desenvolvimento regional e de políticas incentivadoras apresenta algumas ramificações e mudanças de ênfase através das décadas posteriores aos anos da “grande depressão” no século XX. Uma das correntes que merece destaque nesta trajetória é a ligada a Keynes e à visão de que o pleno emprego não é automaticamente atingido, devendo assim o desemprego involuntário ser corrigido com políticas estatais que tenham o pleno emprego como alvo. Dessa perspectiva macroeconômica foram derivadas abordagens que tinham como foco o desenvolvimento regional e as políticas que lhe seriam pertinentes (Diniz e Croco, 2007).

Com as dificuldades observadas na economia capitalista mundial em superar o baixo crescimento e a inflação, característicos da crise vivida a partir dos anos 1970, surgem novas concepções que questionam as políticas de cunho Keynesiano e defendem que o mercado e seus mecanismos asseguram o crescimento sustentado, não sendo, assim, necessária a intervenção estatal, que, ao contrário, seria contraproducente no sentido de poder gerar inflação. Do ponto de vista regional, tal abordagem desdobra-se em valorização do capital social e das instituições e no aproveitamento das potencialidades locais, o que envolve também a ênfase nas inovações e na articulação internacional.

Num segundo momento, dados sobre emprego serão coletados objetivando subsidiar a análise regional. As informações de remuneração, emprego e número de firmas serão obtidas pela base de dados da RAIS/MTE, a qual apesar de registrar apenas atividades formais, fornecem aparato importante para referenciar as produções no Brasil. O período abrangido segue a partir de 2001, dado que nesta data novas categorias são incorporadas à referida base, permitindo uma análise mais atual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tendo em conta as informações mais desagregadas sobre os ramos da indústria de transformação do Brasil e de suas regiões, infere-se alguns aspectos, expostos a seguir. Em 2001 a indústria de alimentos e bebidas foi a que mais contribuiu para geração de emprego no Brasil e nas regiões, com exceção da região Norte, onde o ramo de madeira e mobiliários respondeu pela maior participação em vínculos. Contudo em 2013, a indústria de alimentos e bebidas lidera a criação de postos para o Brasil e regiões.

No Brasil e no Sudeste, as quatro primeiras posições mais representativas em geração de emprego nos anos de 2001 e 2013 são ocupadas pelos setores alimentos e

bebidas, artigos têxteis, químicos e metálicos. Contudo maiores taxas de crescimento são alcançadas pelas indústrias mecânica, de materiais de transporte, química, alimentos e bebidas, e madeira e mobiliário.

Já no Nordeste, os setores de alimentos e bebidas e têxtil, mesmo perdendo participação, destacam-se na criação de empregos. As indústrias de calçados, química, minerais não metálicos, metálicos e papel e gráfica também são destaques. Crescem a maiores percentuais os ramos de materiais de transporte, mecânica, estes dois de baixa representatividade para o emprego em 2001 e 2013, química e calçados.

Destacam-se na região Norte, os setores de alimentos e bebidas, eletrônicos e de comunicação, madeira e mobiliário, indústria mecânica, materiais de transporte e minerais não metálicos. Perde representação o setor de papel e gráfica e madeira e mobiliário. Apresentam mais elevadas taxas de crescimento as indústrias de mecânica, materiais de transporte, metálica, minerais não metálicos, eletrônicos e comunicação, calçados e borracha, couro e fumo. Todas as atividades tiveram crescimento acima de 50%, exceto madeira e mobiliário que teve taxa negativa de crescimento.

Por sua vez, assumem relevância no Centro-Oeste as atividades de alimentos e bebidas, química, minerais não metálicos, papel e gráfica e metálicos. Mesmo perdendo participação, as indústrias de madeira e têxtil têm destaque na participação. Reduz sua participação na geração de emprego, além dos já citados, o segmento de eletrônicos e de comunicação. A indústria aqui apresenta-se mais concentrada no ramo alimentos e bebidas. Lideram o crescimento os setores de mecânica, química, materiais de transporte, calçados, borracha, couro e fumo, metálicos e alimentos e bebidas.

A região Sul revela uma indústria menos concentrada, junto com o Sudeste. Naquela se destacam em criação de vínculos os segmentos de alimentos e bebidas, têxtil, madeira e mobiliário, mecânica, metálicos e químicos. Alguns de menor participação crescem a maiores taxas, como é o caso do setor de materiais de transporte e de mecânica. Em seguida, altas taxas de crescimento são obtidas pelos ramos de eletrônicos, alimentos e bebidas, metálicos, têxtil e químicos. A indústria de calçados perdeu consideravelmente participação em 2013.

## CONCLUSÕES

O estudo da concentração das atividades produtivas por região revela que mesmo antes da consolidação da política industrial brasileira, no Sudeste, e mais especificamente em São Paulo, localizava-se já 37,5% da produção de manufaturas – constituindo-se ainda aí um parque bem mais diversificado do que o instalado em outras localidades do país (Cano, 2007). Apesar de uma concentração ainda presente no Sudeste, para a maior parte das atividades produtivas, este estudo mostrou que o processo de industrialização no Brasil beneficiou outras regiões constituindo-se nestas parques produtivos que foram ampliados pelas iniciativas pública e privada. Contudo, sabe-se que a tecnologia impacta fortemente em alguns setores, exigindo estratégias específicas de elevação de produtividade e competitividade. Tendo isso em conta, sugere-se para próximos estudos um enfoque maior nas dificuldades e potencialidades dos setores produtivos nas regiões menos desenvolvidas, a fim de apoiar ações de superação do quadro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e à Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-graduação – Propesq por fornecerem as condições necessárias para

realização dessa pesquisa. Sou grato também à Professora orientadora, pelas discussões propostas e apoio fornecido.

### **REFERÊNCIAS**

Cano, Wilson. Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil. 1930-1970. São Paulo: UNESP, 2007.

Cruz, Bruno; Furtado, Bernardo; Monasterio, Leonardo; Rodrigues Júnior, Waldery. Economia regional e urbana. Brasil: Ipea, 2011.

Diniz, C.C.; Crocco, M. A. Economia regional e urbana: desenvolvimento teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Pimentel, E. A. (2004). Desigualdades Regionais no Brasil e sua Dinâmica durante a década de 1990: Um Estudo Espacializado. Monografia de conclusão de curso, FEA/USP.

Richardson, H. W. (1975). A Estrutura Regional. In Economia Regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional, 2 ed., Zahar Ed., cap. 9, pp. 221-228.

Rodrik, Dani. The New Global Economy and Developing Countries: Making

Williamson, J. Desigualdade regional e o processo de desenvolvimento nacional. In Schwartzman, J. (Org), Economia Regional . CEDEPLAR/MINTER, pp. 53-116, 1977.